

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

**JUDAÍSMO E HELENISMO: ESTUDOS DE UMA
CONFLAGRAÇÃO CULTURAL ENTRE OS SÉCULOS IV
A.C. E II D.C.**

PROJETO DE PESQUISA

PIBIC - UNB

PROF. VICENTE DOBRORUKA

IHD - HIS

149454



ÍNDICE

Apresentação	3
1. Introdução geral e delimitação do objeto	4
2. Objetivos	6
3. Metodologia	13
4. Idiomas	15
5. Bibliografia	16
6. Recomendações finais	19



APRESENTAÇÃO

Este projeto busca esclarecer objetivos, metodologia e outras questões relativas ao Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos, grupo de pesquisa iniciado pelo Prof. Vicente Dobroruka e sob a sua responsabilidade. O universo de pesquisa do PEJ, bem como os procedimentos metodológicos gerais são descritos a seguir. Este texto introdutório busca ainda familiarizar os novos orientandos com temas, diretrizes e bibliografia básicos para o trabalho no PEJ.

O projeto está dividido em tópicos específicos, com a intenção de deixar claras proposta e metodologia.



1. INTRODUÇÃO GERAL E DELIMITAÇÃO DO OBJETO

O período compreendido entre os séculos IV a.C. e II d.C. reveste-se de particular importância para a compreensão da formação da civilização ocidental; é o período que assiste ao nascimento da idéia de história universal, à difusão do grego, ao estabelecimento de Roma como potência mundial, ao surgimento do cristianismo e à sua diferenciação com relação ao judaísmo. Para os judeus, é o período de estabelecimento definitivo da tradição rabínica, numa cultura doravante privada de seu centro de gravidade, o Templo de Jerusalém.

O PEJ pretende discutir temas selecionados anualmente que se relacionem com as questões gerais definidas acima, com ênfase na historiografia e na literatura religiosa.

Portanto, o PEJ limita-se ao estudo de autores e questões situadas no balizamento cronológico acima definido, dentro do universo geográfico helenístico em sentido estrito - i.e. Oriente Próximo, Grécia e Roma, na medida em que esta última possa relacionar-se com questões enfocadas pelo grupo do ponto de vista dos universos judaico e helenístico (p.ex. na obra de Políbio). A abrangência do termo "estudos clássicos" dentro do PEJ limita-se, portanto, às culturas compreendidas nos limites espacial e temporal supradefinidos.



Os eixos de orientação do PEJ são:

- i. O núcleo temático central do grupo é a intersecção entre judaísmo e helenismo, i.e. questões relativas aos dois no período compreendido aproximadamente entre 331 a.C. e 132 d.C.;
- ii. O PEJ prioriza questões de historiografia helenística e estudos bíblicos, i.e. define-se como um grupo de estudo de história social e da cultura na Antigüidade;
- iii. O PEJ não é um grupo de estudo filológico, embora o professor responsável entenda que não seja possível, a longo prazo, conduzir um trabalho em história antiga sem o conhecimento mínimo das línguas originais em que se encontram as fontes; daí a exigência de seu aprendizado por parte dos orientandos (cf. o cap.4 deste projeto);
- iv. O projeto não abrange desenvolvimentos posteriores da tradição clássica, sejam eles medievais, renascentistas ou de qualquer outro período que não o definido acima no item i.



2. OBJETIVOS

Dentre os temas de história geral com os quais o cidadão ocidental médio está mais bem familiarizado, o do universalismo humanista e benévolo dos gregos é um dos mais comuns. Na verdade educamos as gerações futuras fazendo-as enxergar o classicismo grego de modo absolutamente positivo, e nem sempre de um ponto de vista crítico¹.

Já antes de Plutarco Alexandre era visto como um missionário esclarecido que fez o favor de arrancar o Oriente de seu entorpecimento despótico-teocrático e dar-lhe, de modo tão pouco sangrento quanto possível, as bênçãos da racionalidade grega². Evidentemente não se pode tomar a sério essa concepção hagiográfica da expansão grega para entender um termo tão amplamente utilizado como "helenismo". Basta um exemplo para ilustrar o caráter denso e ambíguo das relações entre gregos e não-gregos: trata-se da "invenção" de Josefo, na qual Alexandre não apenas deixou Jerusalém intacta, mas chegou mesmo a visitá-la³. O episódio é falso, mas na versão de Josefo, Alexandre ainda teve conhecimento do livro de Daniel naquela oportunidade, mostrando-se "satisfeito" com seu conteúdo - como se sabe, todo ele um grande libelo antigrego. Falsa, a história não deixa de evidenciar ambigüidades nas relações entre gregos e judeus.

¹ Exceção feita às bobagens de *rigueur* dos manuais escolares - a democracia ateniense era limitada por excluir mulheres, escravos etc.. Mas excetuando-se esse "corretivo" pior do que a doença, o papel reservado ao mundo helenístico é virtualmente nulo nos currículos escolares; acrescenta-se a isso preconceitos diversos quanto ao cristianismo, e temos um quadro de franca desvalorização da herança de Alexandre face à "perfeição" ateniense do séc.V a.C..

² Plutarco. *Vida de Alexandre*. Cit. por Martin Hengel. *Jews, Greeks and Barbarians*. Philadelphia: Fortress Press, 1980. P.52.

³ Josefo. *Antigüidades judaicas*. 11.329-340.



Tendo por motivação maior o interesse na diversidade das relações entre os universos grego e oriental no período helenístico, o PEJ pretende estudar aspectos da literatura do Antigo e Novo Testamentos, do período intertestamentário e da literatura pagã em que essas relações são problematizadas e a civilização grega, anatematizada. Semelhante esforço investigativo deve ser conduzido com toda a prudência, dada a complexidade das relações entre gregos, judeus e demais populações do ecúmeno helenístico.

Que a conquista de Alexandre nada teve de benévola já sabemos; resta a questão do volume e intensidade da helenização no Oriente, que teve em Arnaldo Momigliano seu maior sintetizador⁴. De todo modo, fora dos currículos escolares já não é possível levar a sério a perspectiva de uma vasta "tintura" helenizante cobrindo o Oriente com as cores do racionalismo grego. Pelo contrário, há quem argumente que a chamada "helenização" não passou da fundação de cidades aqui e ali, ilhas gregas perdidas num mar oriental, habitadas por elites helenizantes odiadas pelas populações que governam.

Nesse quadro, seja a helenização fenômeno generalizado no Antigo Oriente Próximo ou não, cabem algumas palavras acerca de seus efeitos na Judéia. A conquista grega da Palestina, em 331 a.C., deixou a região intocada, mas as guerras dos Diádocos se encarregariam de causar os danos que a invasão inicial não produzira. Em 301 Ptolomeu I conquista a Judéia, que permanecerá sob domínio ptolomaico até 198; a transição para os Lágidas deve ter sido relativamente branda para os judeus⁵, uma vez que não são freqüentes os anátemas contra os governantes gregos do

⁴ Poderíamos citar outros expoentes da problemática, mas como obra de síntese, seu trabalho ainda me parece insuperável. Cf. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

⁵ Idem, p.78.



Egito no Antigo Testamento nem nos pseudepígrafos - não diz a lenda que a LXX foi mandada compilar por Ptolomeu II Filadelfo?⁶ Obviamente, devemos excetuar passagens como 3Mc 1:10 ss.; 2:25; 30, que tratam do episódio nefasto em que Ptolomeu IV Filopátor (221-204 a.C.) teria tentado penetrar no Sagrado dos Sagrados do Templo em Jerusalém. O episódio parece inverídico, sendo mais provável que se trate aqui de uma representação projetada no passado de problemas mais imediatos com os romanos, e é em si mesmo indicador do tipo de dificuldade que judeus e romanos enfrentaram em seu convívio no Oriente. A transformação do Egito em província romana logo após a batalha de Actium (31 a.C.) parece ter colocado a comunidade judaica local em graves riscos; elementos presentes noutras histórias judaicas assemelhadas reforçam a idéia de que o autor de 3Mc, mais do que escrever um relato acerca de fatos reais, serviu-se de um enredo comum no Antigo Oriente Próximo⁷.

Em 198 a Judéia passa para as mãos dos Selêucidas, dinastia reinante na Síria, Mesopotâmia e arredores. Logo depois, em 188, começam os problemas com os novos senhores: a derrota selêucida para Roma e a paz de Apaméia obrigaram Antíoco IV Epífanês a pagar enorme indenização de guerra aos romanos, prejuízo que ele repassou a seus súditos. Em 167 explode a revolta aberta dos judeus contra Antíoco Epífanês, marco fundamental no judaísmo do Segundo Templo e

⁶ *Carta de Aristéias*. 9 ss.

⁷ Cf. Josefo. *Contra Apião*. 2.53-55; *Carta de Aristéias*, 3.12;7.1 ss.; Est 2:21-23,3:19,8 para as intrigas palacianas e as acusações de deslealdade dos judeus para com as monarquias que os governam; e 2Mc 9:4 ss., quando a ousadia de Antíoco Epífanês, similar à de Ptolomeu, é punida por Deus. Cf. Moses Hadas. *The Third and Fourth Books of Maccabees*. New York: Harper & Brothers, 1953. Para os "temas comuns" que parecem compor um "banco de dados" na vida intelectual dos povos do Antigo Oriente Próximo, cf. Arnaldo Momigliano. *Essays in Ancient and Modern Historiography*. Middletown: Wesleyan University Press, 1987. Pp.28, 33.



que imporia de modo relativamente claro limites para a helenização entre os judeus da Palestina⁸.

O judaísmo dos séculos que antecederam a era cristã era pouco mais que um rótulo comum que abrigava as mais variadas tendências, por nós conhecidas em maior ou menor grau - fariseus, saduceus, essênios, zelotes, enumerando apenas os que Josefo descreve. Existiam outros grupos mais obscuros como os sicários e os *hasidim*, dos quais sabemos pouco mais do que os nomes. Além dessa taxonomia teórica, podemos enxergar outra, geográfica - pois o judeu da Diáspora é um espécime distinto de seu assemelhado palestino. Todavia, não deixaria descendentes, pois o futuro do judaísmo veio a ser decidido em Jerusalém e não em Alexandria⁹. A obra de Fílon de Alexandria é o exemplo clássico dessa diferença, já que o tipo de especulação de que ele se ocupa dificilmente teria lugar em Jerusalém¹⁰. O peso do elemento grego para a constituição do judaísmo do Segundo Templo é considerável, embora sua avaliação permaneça sempre problemática.

⁸ Convém lembrar que a rejeição aos valores gregos não é necessariamente uma oposição ao uso da língua grega - lembremos a redação dos livros dos Macabeus, para esse tópico. Cf. Tessa Rajak. *Josephus*. London: Duckworth, 1983. P.52.

⁹ Arnaldo Momigliano. "A cultura grega e os judeus" in: Moses Finley (org.). *O legado da Grécia*. Brasília: EDUnB, 1998. P.370.

¹⁰ David S. Russell. *The Method and Message of Jewish Apocalyptic*. Philadelphia: The Westminster Press, 1964. Pp.147-148 e 153. A idéia de uma alma separada do corpo, por exemplo, não se encontra no Antigo Testamento e é uma grande novidade trazida pelos apocalípticos (que se servem com mais liberalidade de conceitos estrangeiros); "alma" como essência pre-existente à vida humana surge em 2En 24:4-5, e é aparentemente a doutrina platônica que está presente no Eclo e em 4Mc. Os autores dessas considerações eram, provavelmente, judeus alexandrinos, que seguiam a ortodoxia helenística da região, distinta da Palestina. Em 4Esd encontramos a doutrina oriental relativa à formação do homem a partir dos quatro elementos (ar, água, terra e fogo) já citada por Fílon. Há uma distinção essencial entre os enfoques judaico e grego quanto à natureza humana - para os judeus, ela é uma; para os gregos, há um claro dualismo corpo/alma. As referências da apocalíptica judaica a esse tipo de ensinamento são escassas, mas não podem ser ignoradas, introduzindo assim mais um elemento complicador para o estudo das relações Grécia / mundo judaico.



Este é o pano de fundo geral para a discussão do PEJ referente à historiografia e estudos bíblicos - o das relações entre as culturas judaica, cristã e greco-romana.

O termo "helenismo" surge originalmente em At 6:1, parecendo significar um grupo de judeus menos claramente identificado com a tradição étnica palestina. E assim permaneceu o termo até o séc.XIX, quando Johann Gustav Droysen passou a lhe atribuir o significado que hoje é corriqueiro - o de civilização de fala grega posterior a Alexandre, tema que Droysen foi o primeiro a explorar de modo sistemático¹¹.

A obra de Droysen em que a noção de "helenismo" como bênção benévola manifesta-se pela primeira vez é *De Lagidarum regno Ptolemaeo VI Philometore rege*, sua tese de doutoramento (1831). Aqui se percebe claramente o desprezo pelo mundo judaico do Segundo Templo e um desejo de helenizar o cristianismo tanto quanto possível. Tal abordagem seria lugar-comum entre os estudiosos do séc.XIX; mesmo uma obra que manteve sua relevância como compêndio ao longo do século (Emil Schürer. *A History of the Jewish People in the Time of Jesus Christ*) pode estar eivada de preconceitos e antisemitismos inconcebíveis nos dias atuais¹².

Nos anos do pós-guerra esse panorama alterou-se consideravelmente - além da obra monumental de Momigliano, são inúmeros os autores que se empenharam e empenham-se hoje no estudo do mundo helenístico a partir de suas próprias referências, de modo mais isento e atualizado. Viktor Tcherikover, Louis Feldman, Amélie Kuhrt e Tessa

¹¹ Momigliano, *Essays*, pp.307-309.

¹² Geza Vermes. *Providential Accidents. An Autobiography*. Maryland: Rowman & Littlefield, 1999. P.176-177.



Rajak são apenas alguns dos nomes notáveis nesse campo de estudo nos últimos cinquenta anos.

Como eixos de trabalho principais, o PEJ deve se dedicar basicamente ao estudo das relações entre historiografia e complexos míticos e da literatura apocalíptica judaica, cristã e de outras proveniências, desde que ligadas ao conjunto da cultura helenística no Mediterrâneo.

Com relação ao primeiro eixo de trabalho, o esforço dos membros do PEJ deverá convergir para um estudo dos mitos que se fazem presentes nas concepções metahistóricas dos historiadores antigos, de Heródoto a Eusébio. Dentre estes, é de especial importância o mito das quatro idades do mundo, presente em todo o mundo mediterrânico.

Quanto ao segundo eixo de análise e trabalho, o PEJ entende o termo "apocalíptica" como identificando primeiramente um gênero literário, tipicamente helenístico e que pode ser encontrado da Índia até o Ocidente. A natureza dos textos apocalípticos, sua inserção no desenvolvimento de movimentos sociais e seu peso na configuração das grandes religiões ou sistemas explicativos em historiografia são os objetos da atenção do PEJ.

Essas são as referências básicas para a proposta de trabalho do PEJ. Concluindo, o projeto enfatiza a necessidade da pesquisa relativa aos vínculos entre o mundo grego e o judaísmo tardio, com a intenção de aprofundar a reflexão acerca dos grandes temas norteadores da encruzilhada cultural mediterrânica do período acima definido. Nesse sentido, o trabalho do PEJ define-se como o estudo pontual de questões de história social e da cultura na intersecção mundo grego / mundo judaico. Não estão excluídos os esforços de investigação relativos a outros complexos sócio-culturais na "franja" helenística, desde



que seus temas se encaixem na proposta geral do projeto - p.ex. o estudo da apocalíptica persa, ou das missões cristãs a Sogdiana etc.. Este projeto não possui em princípio outras limitações que não o recorte cronológico-geográfico exposto acima; e mesmo esse balizamento pode ser alterado a qualquer momento, desde que os temas específicos de cada orientando assim o exijam.



3. METODOLOGIA

O trabalho de pesquisa dos orientandos do PEJ compõe-se, basicamente:

- i. De reuniões periódicas em grupo para a discussão de textos de interesse comum;
- ii. De reuniões individuais para atender às demandas de cada orientando;
- iii. Da leitura, fichamento e eventualmente apresentação de *papers* ligados aos temas de cada orientando;
- iv. Do estudo de línguas antigas (cf. abaixo, item 3);
- v. Da redação de relatórios finais, parciais e demais textos acadêmicos requeridos.

Em princípio as reuniões de discussão devem realizar-se semanalmente.

Instruções específicas acerca do planejamento acadêmico para cada ano são regularmente distribuídas aos orientandos; nelas encontram-se os textos de interesse geral para cada semestre, os temas de cada aluno e informações genéricas sobre a pesquisa a ser conduzida naquele ano.

É importante notar que em circunstância alguma os orientandos do grupo devem trabalhar como auxiliares da pesquisa em curso do professor responsável, ainda que os objetos de pesquisa e a bibliografia discutida muitas vezes correspondam também aos interesses de pesquisa do mesmo.

Cada orientando está obrigado a apresentar dois relatórios anuais, um parcial e outro final, nos prazos



definidos pelo PIBIC-CNPq-UnB. Cada um dos orientandos está, além disso, comprometido com as demais atividades acadêmicas agendadas pelo PIBIC-UnB (p.ex. a apresentação de resultados de pesquisa).

Um último aspecto a ser ressaltado é a obrigatoriedade do comparecimento dos orientandos às reuniões bienais da SBEC - Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, sendo recomendável a filiação à mesma.



4. IDIOMAS

Todo orientando a cargo do professor responsável compromete-se com o estudo de duas (2) línguas antigas ao longo do período de orientação, sendo uma delas, obrigatoriamente, o grego. Periodicamente é feita uma avaliação do ritmo de aprendizagem dessas línguas pelo professor responsável. A forma de estudo é livre (aulas particulares, aulas na UnB, estudo individual etc.).

O professor responsável sugere uma língua semítica além do grego, podendo ser o hebraico, siríaco etc..

A exigência do estudo de línguas antigas fundamenta-se na inevitabilidade do contato com as fontes primárias; em geral as questões de interpretação textual deverão ser encaminhadas de modo satisfatório mediante a análise das edições dos textos originais (não se pretende no PEJ o estudo direto de manuscritos e inscrições originais). O conhecimento de paleografia, ainda que bem-vindo, tampouco é considerado essencial para o desenvolvimento das atividades pretendidas.

Quanto às línguas modernas, os orientandos devem ter fluência no inglês e conhecimento instrumental do francês e do alemão, de vez que a maioria dos textos teóricos utilizados encontra-se nesses idiomas.



5. BIBLIOGRAFIA

Bibliografia sumária geral:

- BARNAVI, Élie (ed.). *História universal dos judeus - da gênese ao fim do século XX*. Belém/São Paulo: Cejup, 1995.
- BICKERMAN, Elias. *The Jews in the Greek Age*. London / Massachusetts: Harvard University Press, 1988.
- COHN, Norman. *Cosmos, Chaos and the World to Come. The Ancient Roots of Apocalyptic Faith*. New Haven/London: Yale University Press, 1993.
- COLLINS, John J. e CHARLESWORTH, James (eds.). *Mysteries and Revelations. Apocalyptic Studies since the Uppsala Colloquium*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1991.
- COLLINS, John J. *Seers, Sibyls & Sages in Hellenistic-Roman Judaism*. Leiden: Brill, 1997.
- _____. *Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls*. New York: Routledge, 1997.
- _____. *The Apocalyptic Imagination. An Introduction to Jewish Apocalyptic Literature*. Grand Rapids / Cambridge: William B. Eerdmans, 1998.
- GRANT, Michael. *The Ancient Historians*. New York: Charles Scribner's Sons, 1970.
- _____. *From Alexander to Cleopatra: The Hellenistic World*. New York: Charles Scribner's Sons, 1982.
- HADAS-LEBEL, Mireille. *Flávio Josefo, o judeu de Roma*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HENGEL, Martin. *Judaism and Hellenism*. Philadelphia: Fortress Press, 1981.



- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Essays in Ancient and Modern Historiography*. Middletown: Wesleyan University Press, 1987.
- _____. *The Classical Foundations of Modern Historiography*. Berkeley: University of California Press, 1990.
- _____. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- PAUL, André. *O que é o Intertestamento?* São Paulo: Paulinas, 1981.
- STERN, Menahem. *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*. Vol.1. Jerusalem: The Israel Academy of Sciences and Humanities, 1974.
- TCHERIKOVER, Viktor. *Hellenistic Civilization and the Jews*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America / The Magnes Press, The Hebrew University, 1959.
- TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã. Introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- WACHOLDER, Ben Zion. *Eupolemus: A Study of Judaeo-Greek Literature*. Cincinnati: 1974.



Fontes:

Para as obras completas de Josefo e dos demais historiadores contemplados no projeto, as edições padrão utilizadas são as da Loeb Classical Library.

- A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- CHARLESWORTH, James (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 1983-1985 (2 volumes).
- SCHNEEMELCHER, Wilhelm (ed.). *New Testament Apocrypha*. Louisville: Westminster / John Knox Press, 1991.
- EPSTEIN, Isidore (ed.). *English Babylonian Talmud*. Londres: Soncino, 1990. (35 vols., também disponível em CD-ROM).



6. RECOMENDAÇÕES FINAIS

- i. Os orientandos selecionados leram o plano de trabalho anual e estão de acordo com os procedimentos ali expostos, com as normas específicas do PIBIC, com as instruções contidas no presente texto e dispõem-se ao cumprimento das metas estabelecidas pelo grupo.
- ii. O abandono do projeto poderá ser feito sem prejuízo quer para o orientando quer para o orientador, desde que observados os prazos e procedimentos do PIBIC-UnB.
- iii. A condição de "pesquisador voluntário" (i.e. sem bolsa) não exime o orientando de qualquer parcela de pontualidade e eficiência na execução do trabalho.
- iv. O professor responsável possui uma tradição de pontualidade na entrega de relatórios finais e parciais que deve ser mantida.
- v. O orientando com mais de três (3) faltas a reuniões coletivas terá sua permanência no grupo posta em risco (excluídos, logicamente, motivos de força maior, que deverão ser justificados adequadamente).

Vicente Dobroruka